

LETRAMENTO ACADÊMICO, AS ENGENHARIAS E O MUNDO DO TRABALHO

Rosilaine Lima Lopes Zedral – rosilaine.zedral@gmail.com

Fundação Universidade Regional de Blumenau.

Endereço: Rua Antônio da Veiga, nº 140 - Victor Konder

Cep: 89012-900 – Blumenau – Santa Catarina

Resumo: *Este artigo trata de um estudo sobre o letramento acadêmico nos cursos de engenharia e o seu reflexo no mundo do trabalho, cuja pesquisa encontra-se em desenvolvimento no Curso de Pós-Graduação de Mestrado em Educação da Furb. Tem como objetivo compreender os sentidos que são construídos pelos acadêmicos de engenharia em relação à leitura e à escrita e a influência dessas práticas no mundo do trabalho. O referencial teórico se fundamenta nos pressupostos teóricos Bakhtinianos e nos Novos Estudos do letramento. A metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa com viés interpretativo e enunciativo, caracterizada como um estudo de caso. Os dados da análise originaram-se da aplicação de um questionário e de uma entrevista. Os dados apontam para um resultado diferente do discurso ideológico oficial que relacionado ao pouco uso da escrita e da leitura na área das Engenharias.*

Palavras-chave: *Letramento Acadêmico, Engenharias, Mundo do Trabalho.*

1. INTRODUÇÃO

As mudanças ocorridas na sociedade devido ao processo de globalização e ao desenvolvimento científico-tecnológico nas últimas décadas do século XX promoveram transformações profundas no campo científico e, conseqüentemente, nas várias áreas do conhecimento, dentre elas a engenharia. No Brasil, esta área, até meados da década de 70 do século passado, ainda estava atrelada ao tecnicismo, isto é, tinha como princípios a eficiência e a produtividade, e estava norteadas pelas necessidades do desenvolvimento industrial e econômico do país. Nesse aspecto, o ensino nas engenharias enfatizava o desenvolvimento de habilidades e competências técnicas que permitissem ao engenheiro lidar de maneira prática nas resoluções de problemas que eram também de natureza técnica. Porém, nesta nova ordem social,

o progresso técnico modifica, inevitavelmente, as qualificações exigidas pelos novos processos de produção. As tarefas puramente físicas são substituídas por tarefas de produção mais intelectuais, mais mentais, como o comando de máquinas, a sua manutenção e vigilância, ou por tarefas de concepção, de estudo, de organização à medida que as máquinas se tornam, também, mais "inteligentes" e que trabalho se "desmaterializa". (DELORS, 1999)

Por tais razões, àquelas habilidades e competências não são mais suficientes para a formação profissional do engenheiro.

Para se localizar nessa nova geografia econômica e tecnológica que vem sendo chamada de era pós-industrial, entretanto, talvez não baste apenas o espírito prático, a boa capacidade de observação e o livre

trânsito pela ciência básica e suas aplicações. Mapear a cabeça de engenheiro, hoje, implica reconhecer nela outras qualidades e habilidades, até então talvez pouco necessárias, como a comunicabilidade, a intuição, o bom gerenciamento das relações humanas e as diversidades culturais, a ética e a responsabilidade social e ambiental. (SCHNAID et al, 2001)

E ainda a identidade do engenheiro deve ser repensada não só “como alguém qualificado a desempenhar uma função produtiva e de liderança no mercado de trabalho, mas como um ser humano de múltiplas facetas, capaz de compreender, aceitar, defender e melhorar a percepção – e a realidade em que atua” (SCHNAID et al, 2001).

Entretanto, para que esse perfil fosse alcançado, foi preciso rever a formação do profissional da engenharia no ensino superior, adequando as disciplinas das matrizes curriculares desses cursos às necessidades dessa nova era pós-industrial a fim de que privilegiassem não só disciplinas técnicas ou de cunho físico-matemático, mas que contemplassem também outras disciplinas como Comunicação e Expressão, por exemplo.

Para ser um bom engenheiro [...] não é suficiente aprender a utilizar eximamente técnicas e instrumentos [...] um profissional eficiente é, antes de mais nada, aquele que sabe se expressar, sabendo comunicar com eficácia o seu trabalho [...] Aliás, a comunicação, em especial a escrita, é parte inerente ao seu trabalho. (BAZZO & PEREIRA, 2003)

Esta preocupação com as habilidades e competências escritas decorre das profundas mudanças sociais que a estrutura das sociedades vivencia, por exemplo, numa entrevista sobre a falta emprego para engenheiros no Brasil à Rádio CBN em 2010 o coordenador do Conselho Tecnológico do Sindicato dos Engenheiros do Estado de São Paulo, José Roberto Cardoso comenta que existem muitos empregos na área das engenharias, assim como muitos engenheiros, o que falta são engenheiros qualificados, com boa formação. Segundo ele “[...] existem situações em que os engenheiros não conseguem passar na entrevista mais elementar da engenharia. Não conseguem redigir um texto. Não falam uma outra língua, essas coisas básicas da engenharia”. Dessa forma, percebe-se que as exigências do mercado de trabalho não se restringem apenas em verificar se as pessoas sabem ou não ler e escrever, mas também o que elas são capazes de fazer com essas habilidades (RIBEIRO et al. 2002).

“Os reflexos dessas transformações incidem sobremaneira nas políticas educacionais, no que concerne ao desenvolvimento de habilidades e competências que atendam às demandas impostas por esta nova ordem social” (CRUZ, 2007), inclusive no campo dos saberes, ou seja, na área educacional. Assim a universidade moderna é o lugar propício para criar e transferir conhecimento que conduz à competitividade em meio a uma era global que se expande cada vez mais. Para tanto se faz necessário aproximar estas práticas acadêmicas de escrita e leitura com as práticas no local de trabalho. (KLEIMAN & SILVA, 2008).

Diante desse cenário, este artigo propõe refletir sobre as práticas de leitura e escrita no ensino superior (letramento acadêmico) e a influência dessas práticas no local de trabalho.

2. LETRAMENTO ACADÊMICO

Letramento Acadêmico refere-se às práticas de leitura e escrita pertinentes à Educação Superior, isto é, corresponde ao processo de construção de conhecimentos em relação à compreensão e uso das modalidades de textos próprios da esfera acadêmica.

“A escrita do estudante universitário é compreendida a partir de três principais perspectivas ou modelos: estudo das habilidades, socialização acadêmica e letramento acadêmico” (LEA; STREET, 1998 apud FEITOZA, 2009). Os estudos das habilidades correspondem às aptidões individuais e cognitivas que o acadêmico precisa desenvolver para responder adequadamente as atividades do âmbito universitário. A socialização acadêmica trata da inserção dos estudantes à vida acadêmica em relação à interpretação, a oralidade produção textual a fim de prepará-los para outras situações acadêmicas que necessitem dessas competências.

O letramento Acadêmico possui uma perspectiva em que atenta para o fato de que as demandas de letramento do currículo universitário envolvem práticas comunicativas que variam de acordo com as disciplinas e os gêneros discursivos em que se inscrevem. Além disso, esse modelo considera a história de letramento dos alunos e suas identidades sociais, bem como o processo de aculturação pelo qual o estudante passa ao aderir a um novo discurso (FEITOZA, 2009).

No entanto, o domínio dessas práticas não devem somente proporcionar as competências e habilidades que a profissionalização estabelece, nem tão pouco legitimar as ideologias dominantes, mas deve promover o pensamento crítico, a consolidação da identidade, o papel social, a interação grupal, a transferência e aplicação dos conhecimentos adquiridos em outra esfera, no sentido de buscar a transformação social. “O sistema de educação formal é o mundo de letramento mais poderoso na nossa sociedade. Ele dita o que conta como conhecimento aceitável ou linguagem legitimada” (FISCHER, 2007). Por isso a Universidade tem papel fundamental nesse processo, na quebra de paradigmas ideológicos a fim de constituir pessoas capazes de gerir mudanças na sociedade.

Para isso a apreensão dessas novas práticas no ensino superior deve estar relacionada a outras práticas desenvolvidas pelos estudantes em outras esferas de suas vidas. De modo que possibilite o desenvolvimento das competências necessárias à formação do sujeito, evitando assim, a reprodução do discurso da crise do Déficit do letramento. Este discurso trata da afirmação de que os estudantes, de modo geral, não sabem ler nem escrever ou são analfabetos funcionais. “O analfabetismo funcional [...] é incapacidade de fazer uso efetivo da leitura e da escrita nas diferentes esferas da vida social” (RIBEIRO *et al*, 2002). De fato o reforço desse discurso não contribui para a formação do estudante, é preciso compreender que “os problemas da escrita do acadêmico na universidade se derivam basicamente de sua falta de familiaridade com discursos acadêmicos” (ZAVALA, 2010). Ainda segundo essa autora a apreensão do letramento acadêmico pelos estudantes se dá a partir da interação com o grupo e com as práticas de leitura e escrita pertencentes a essa nova esfera. A internalização dessas práticas permite a transferência natural delas a outros contextos, nesse caso, ao local de trabalho.

3. LETRAMENTO NO LOCAL DE TRABALHO

O letramento no local de trabalho refere-se às práticas de leitura e de escrita específicas para essa agência. De maneira geral, as organizações possuem seus próprios modelos escriturais, porém todos norteados pelas práticas de letramentos. Como instituições sociais, as organizações, sofreram várias modificações devido às mudanças no processo produtivo concernente ao trabalho.

Nesse sentido, o estudo do letramento no local de trabalho decorre de vários fatores, dentre eles encontram-se as transformações que o sistema produtivo atravessou devido ao

desenvolvimento científico e ao avanço tecnológico no transcorrer da história da humanidade. No passado, trabalho era conceituado como um “esforço humano dotado de um propósito e envolve a transformação da natureza através do dispêndio de capacidades físicas e mentais” (OUTHWAITE *et al.* 1996). Atualmente, “trabalhar é benefício pessoal e social. Por meio do exercício profissional ético, as pessoas obtêm recursos para subsistência e ajudam os familiares. Além do mais, a tarefa traz benefícios à sociedade” (RAMIRO, 2010). O trabalho também pode ser considerado como “uma dimensão central da atividade humana, pois é na atividade produtiva que ele objetiva a sua relação com a totalidade social” (VALLE, 2008).

Essas mudanças no conceito, na sociedade e no mercado promoveram a criação de novas formas de trabalho e exigiram um novo perfil de profissional e para suprir essas necessidades coube às instituições educacionais a responsabilidade de qualificar/formar as pessoas para exercerem esse novo papel. “A partir dessas novas exigências, a sociedade e suas instituições mobilizam-se, no sentido de transferir para a educação a responsabilidade de capacitar o trabalhador a enfrentar o novo mundo do trabalho, caracterizado como dinâmico e em constante transformação” (VALLE, 2008).

No entanto, existe um descompasso entre o que é ensinado na academia e o que o local de trabalho determina em relação às práticas de letramento (KLEIMAN & SILVA 2008). Visto que o letramento no local de trabalho possui práticas de leitura e de escritas específicas para as situações, funções e cargos que a organização exige.

É importante, porém, investigar a relação do letramento não apenas com a empregabilidade, mas também como o exercício de diversas profissões, a fim de melhor conhecer os variados usos sociais da escrita e diminuir a hegemonia do modelo autônomo de letramento imposto a toda sociedade pelas instituições de prestígio. (KLEIMAN & SILVA, 2008)

Dessa forma, compreende-se que é preciso aproximar a relação do letramento acadêmico com o letramento no local de trabalho a fim de que promovam sentidos à função social de escrita.

4. ALGUNS CONCEITOS BAKHTINIANOS

Mikhail M. Bakhtin foi um pesquisador que se dedicou ao estudo da linguagem. Para ele a linguagem se apresenta como uma atividade construída socialmente, pois o sujeito é um ser social. Sobre esse conceito, acrescenta que “a linguagem é apresentada como atividade (como energia), mas seus princípios são caracterizados como de natureza sociológica” (FARACO, 2006). O homem (indivíduo) se constitui a partir do ambiente social, porém sem perder a sua individualidade.

O falante é social de ponta a ponta [...] Mas, ao mesmo tempo, ele é individual de ponta a ponta. Quer dizer: o fato de seu psiquismo ser integralmente social não lhe tira a individualidade, porque seu mundo mental não é uma realidade estática, mas dinâmica (e, portanto, criativa – pressuposto fundamental de Humboldt). (FARACO, 2006)

“Na concepção bakhtiniana, a língua é entendida como ação social e a linguagem como uma atividade constitutiva e produto histórico-social” (SANTOS, 2008).

“Bakhtin considera a linguagem um fenômeno social da interação Verbal”. (FARACO, 2006). Nesse aspecto, a linguagem verbal é concebida em duas vertentes: a primeira de

caráter estável, concreta relacionada aos gêneros do discurso. A segunda reflete a influência do meio social, da cultura, vozes sociais. Entende-se por gêneros tipos de textos que possuem características comuns, porém “gêneros não são somente formas textuais, mas também formas de vida e de ação” (BAZERMAN, 2006 apud SANTOS, 2008). O gênero possibilita a ligação entre a linguagem e o social. Os gêneros classificam-se em três tipos de enunciados relativamente estáveis: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. O conteúdo temático trata do domínio de sentido que norteia o gênero; a construção composicional relaciona-se a organização do texto e o estilo dá enfoque à utilização da formalização da linguagem e da posição responsiva do interlocutor em relação ao enunciado. (FIORIN, 2008)

O Enunciado é concebido pelo que é dito, pelo não dito e pelas respostas ao já dito numa situação dialógica. Os enunciados dão significação ao que se diz e também pelo que não se diz, mas que se deixa revelar por outras formas enunciativas.

O enunciado é concebido como uma unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado. Uma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a “frase” ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações enunciativas. (BRAIT & MELO, 2010)

O enunciado é único dentro do contexto, na esfera em que se encontra situado e se constitui a partir de valores sociais, pela cultura e pelos fatores históricos.

Ainda sobre o enfoque da linguagem, da língua, dos gêneros, dos enunciados Bakhtin postula o conceito de esfera. “a noção de esfera da comunicação discursiva é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas” (GRILLO, 2010). Neste caso, as várias instâncias da vida humana são compostas por esferas, sendo que a cada esfera é composta por características específicas, porém inter-relacionadas com outras esferas. “As esferas de atividade humana, determinam a pluralidade das atividades humanas e caracterizam o enunciado e seus tipos estáveis, os gêneros, com seu modo próprio de orientação e refração da realidade” (NANTES *et al.*, 2010).

“Todas as esferas da atividade humana [...] estão sempre relacionadas com a utilização da língua, a riqueza e a variedade dos gêneros”. (BAKHTIN, 1997 apud NANTES *et al.* 2010)

Os estudos bakhtinianos se destacam por proporcionar outra perspectiva sobre a comunicação humana.

5. COMPREENDENDO OS SENTIDOS

A análise dos dados foi realizada a partir dos enunciados feitos pelo sujeito por meio das respostas dadas ao questionário e a entrevista. O questionário foi composto por duas seções: a primeira trata do perfil do sujeito da pesquisa; o segundo corresponde às questões relacionadas ao letramento acadêmico e ao letramento no local de trabalho e a entrevista foi utilizada, para um maior aprofundamento das respostas dadas as questões subjetivas do questionário.

O sujeito tem 27 anos, é do sexo feminino, trabalha como analista de qualidade em uma indústria química. cursou o ensino básico em escola pública, a sua primeira graduação foi em Tecnologia em qualidade e Produtividade Industrial. Atualmente, cursa o 2º período do Curso de Engenharia Química. Escolheu fazer novamente um curso de nível superior para ascender profissionalmente na carreira. Neste aspecto, a instituição educacional é vista como uma

forma de garantir a manutenção e a ascensão dos indivíduos no trabalho. A exigência do mercado pela qualidade profissional tornou a universidade quase à única opção de desenvolvimento de competências necessárias para essa galgada social. Em relação às práticas de escrita e leitura o sujeito informa que possui o hábito de leitura e ler normalmente jornal, revista, a bíblia, apostila, livros e artigos da área. E costuma escrever trabalhos acadêmicos, e-mails, prova, relatório e artigo científico. Nesse sentido, compreende-se que as práticas de letramento são comuns na vida do sujeito pesquisado, mas o foco ainda é para as realizações das atividades acadêmicas.

Em relação à questão sobre as dificuldades e facilidades para a produção de textos ou leituras acadêmicas, o sujeito responde: “*Sim. Tenho facilidade na compreensão dos temas e das atividades, mas dificuldade para expressar as opiniões e escrever sobre os tópicos. Esta dificuldade acontece devido à falta de tempo e dedicação para os trabalhos acadêmicos*”. O sujeito ao relatar que compreende o tema e ao mesmo tempo possui dificuldades em expressar-se demonstra um conflito interno, a não compreensão de sentidos. “A compreensão não é mera experiencição psicológica da ação dos outros, mas uma atividade dialógica, que diante de um texto, gera outro texto. Compreender não é um ato passivo (um mero reconhecimento), mas uma réplica ativa, uma resposta, uma tomada de posição diante do texto” (FARACO, 2006). Essas dificuldades também podem demonstrar que as formas de linguagem das práticas de letramento acadêmico ainda não foram internalizadas, isto é, “as construções de sentidos são constituídas de forma gradativa em virtude das funções, das práticas, das atitudes e dos valores das comunidades discursivas a que se afiliam os sujeitos ao longo da vida” (FISCHER, 2007). As dificuldades apresentadas por ele, “*para expressar opinião e escrever sobre os tópicos*”, demonstram um distanciamento entre a língua oral e a escrita. “O distanciamento entre a língua oral e a língua escrita devido à especialização e ao funcionamento diferenciado de ambas configura uma situação diaglössica não de língua em contato, mas de línguas em conflito” (KLEIMAN, 1995).

Porém quando ele afirma que “*a dificuldade acontece devido à falta de tempo e dedicação para os trabalhos acadêmicos*”, denota que o sujeito parece não vincular as práticas de letramento acadêmico às funções sociais de seu cotidiano. “As habilidades de linguagem, especialmente ler e escrever, tornam-se elementos constitutivos do processo de socialização dos indivíduos” (SANTOS, 2008), isto é, quando se reconhece que essas práticas são também um a forma de interagir com o mundo.

A resposta sobre a questão - o que aprendeu em relação aos tipos de leitura e produção de textos desenvolvidos durante a vida acadêmica e a contribuição dessas para outras disciplinas do curso – são: “*auxílio na elaboração de artigos científicos na minha área de atuação; auxílio no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e relatórios de outras disciplinas; auxílio na elaboração de projetos; elaboração de artigos*”. Os gêneros citados são característicos da esfera acadêmica, “esses gêneros simbolizam recursos, instrumentos a serem utilizados e/ou dominados no meio acadêmico” (FISCHER, 2007). No entanto, a internalização deles no processo de aprendizagem depende muito do propósito do aluno, ou seja, “você pode ensinar todas as estratégias sobre a aprender a aprender, mas sem a determinação para esse fim, o aluno não irá destinar tempo e esforços necessários” (FISCHER, 2007) e acrescenta que “muitos alunos não tem consciência deste aspecto do letramento – do comprometimento necessário para se inserirem no mundo acadêmico”. Em relação ao dito “*auxílio na elaboração de artigos científicos na minha área de atuação*”, verifica-se a transposição e adequação do gênero acadêmico ao gênero do local de trabalho. Isso é possível “porque o gênero une estabilidade e instabilidade, permanência e mudança [...] isso ocorre porque as atividades humanas não são totalmente determinadas nem aleatórias. Nelas, estão presentes a recorrência e a contingência. A reiteração possibilita-nos entender as ações e, por conseguinte, agir; a instabilidade permite adaptar suas formas a novas

circunstâncias” (FARACO, 2006). Ainda para esse autor, um texto pode passar de um gênero para outro quando for colocado em outro contexto, em outra esfera de atividade.

Em relação à questão sobre as práticas de leitura e de produção de textos na academia e a utilização deles com a atividade profissional. O sujeito responde: *“Percebo a aplicação das práticas aprendidas na minha profissão, pois já elaborei artigos e participei de congressos onde foi necessário ter uma base em metodologia, produção de textos, etc”*. Como dito anteriormente, compreende-se nesse dizer que a esfera acadêmica e a do local de trabalho se interseccionam, a esfera acadêmica privilegia gêneros discursivos próprios desse campo, mas que podem ser transferidos para outras situações, como o local de trabalho. E o letramento para o local de trabalho “envolve também conhecimentos sobre as condições específicas de trabalho” (KLEIMAN; SILVA, 2008). Nesse viés os gêneros são concebidos como meios de apreender a realidade. “Novos modos de ver e de conceptualizar a realidade implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes. [...] a aprendizagem dos modos sociais de fazer leva, concomitantemente, ao aprendizado dos modos sociais de dizer, os gêneros” (FARACO, 2008)

Na questão que trata sobre o que julga importante saber sobre leitura e escrita de textos para ter fluência e mais segurança nas atividades profissionais do engenheiro, o sujeito responde: *“Percebo que atualmente um engenheiro precisa, além das habilidades relacionadas à sua profissão, saber escrever e ter uma boa base na gramática, pois atualmente a profissão de um engenheiro se envolve na área técnica e gestão. Frequentemente estamos envolvidos em reuniões, apresentações, conferências, auditorias, entre outras atividades que necessitam de uma base neste assunto”*. No enunciado “saber escrever e ter uma boa base na gramática, pois atualmente a profissão de um engenheiro se envolve na área técnica e gestão”, percebe-se que as práticas de leitura e escrita ainda estão vinculadas ao modelo autônomo de letramento, onde a formalidade gramatical caracteriza a forma correta de escrita. Nesse aspecto, as concepções institucionalizadas da escrita são valorizadas como maneiras de demonstração de conhecimento e poder. A escrita formal é usada como instrumentos de ascensão profissional e mobilidade social, “o saber institucionalizado formalmente merece respeito da maioria, ainda que a atividade profissional seja também muito valorizada” (MOLLICA, 2007). Ainda conforme essa autora as práticas de comunicação orais e escritas desenvolvidas na esfera escolar reforçam a crença que a formalização da linguagem é o caminho mais eficaz de se atingir melhor situação de vida [...] desenvolvimento profissional e inserção na sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentidos atribuídos pelo sujeito durante essa pesquisa sobre as práticas de letramento na vida acadêmica e a influência dessas práticas no mundo do trabalho, denotam que essas esferas estão intrinsecamente interligadas, sendo possível esta intersecção, quando a escrita e a leitura são concebidas como práticas sociais. Neste sentido, a concepção do letramento como condição social de escrita possibilita os diferentes usos e formas de linguagem levando em consideração o contexto social, as especificações de cada situação.

No entanto, cabe ressaltar que é necessário enfatizar na academia a função social da escrita, visto que “aprendendo a cerca dos papéis sociais da escrita, em situações de ensino, os alunos entendem mais facilmente que o seu domínio pode lhes dar empoderamento e condições para a ação sobre o mundo, interagindo e cooperando com o mundo” (SANTOS, 2008) e ainda de acordo com essa autora “a eficácia do ensino da escrita está ligada a ter consciência daquilo que se faz e da capacidade de fazer escolhas adequadas”.

Em síntese, os sentidos aqui atribuídos às práticas de letramento possibilitam à reflexão crítica sobre o processo de leitura e escrita na academia, da função do letramento acadêmico e do papel da própria universidade como agente de letramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAZZO, Walter Antonio; PEREIRA, Luiz T. do V. **Introdução à Engenharia**. 6. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002, 51 p, il.
- BRAIT, Beth. MELO, Rosineide. **Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação**. In: Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010, p. 63-78.
- CARDOSO, José Roberto. Entrevista à Rádio CBN. São Paulo: julho, 2010.
- CRUZ, Maria Emília Almeida. **O letramento acadêmico como prática social: novas abordagens**, 2007. www.pucpcaldas.br/graduacao/administracao/nupepu/online/inicial.htm. Acesso em: 17 de mar. 2010.
- DELORS, Jacques. **Os quatro pilares da educação**. Disponível em: <http://www.microeducacao.com.br/concurso/ConcursoPEBII2009/B-Delors-Educacao-Um%20Tesouro%20a%20Descobrir.pdf>. Acesso em: 01 de mai. 2011.
- FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2006, p. 100-105.
- FEITOZA, Eliane Oliveira. **Letramento acadêmico: principais abordagens sobre a escrita dos alunos no ensino superior**. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1113.pdf>. Acesso em: 12 de mar. 2011.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008, p. 62.
- FISCHER, Adriana. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **A construção de letramento na esfera acadêmica**. v. 1. 2007, 47-50p. il. Tese (Doutorado).
- GRILLO, S.V. de C. **Esfera e Campo**. In: Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006, p.133-160.
- KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p. 49.
- KLEIMAN, Angela. B.; SILVA, Simone B. B. de. **Letramento no local de trabalho: o professor e seus conhecimentos**. In: Letramentos múltiplos: agentes, práticas e representações. Natal, RN: Editora da UFRN, 2008, p. 17.
- MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: 2000, p.12.
- NANTES, Eliza A. S.; PORTO, M. N.; LUNARDELLI, M. G. **Esferas de atividade humana: um estudo sobre a transposição didática do conceito bakhtiniano**. Disponível em: <http://www.cielli.com.br/downloads/465.pdf>. Acesso em: 06 de mai. 2011.
- OLIVEIRA, M. do S.; KLEIMAN, Angela B. **Letramentos múltiplos: agentes, práticas e representações**. Natal, RN: Editora da UFRN, 2008.
- OUTHWAITE, W; BOTTOMORE, T.; LESSA, R. **Dicionário do pensamento social do século XX**, 1996. Disponível em: <http://www.administradores.com.br>. Acesso em: 02 de mai. 2011.
- RAMIRO, Marta. **Evolução do conceito de trabalho**. 2010. Disponível em: <http://blogprojetodevida.blogspot.com/2010/06/evolucao-do-conceito-de-trabalho.html>. Acesso em 21 de fev. 2011.
- RIBEIRO, V. M.; VOVIO, C. L.; MOURA, M. P. **Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de analfabetismo funcional**. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> Acesso: 20 de abr. 2010
- SANTOS, Ivoneide B. de J. **Projetos de letramentos: ressignificação da prática**. In: Letramentos múltiplos: agentes, práticas e representações. Natal, RN: Editora da UFRN, 2008, p.119-127.

SCHNAID, F.; BARBOSA, F.; TIMM, M. **O perfil do engenheiro ao longo da história.** Disponível em: <http://www.pp.ufu.br/Cobenge2001/trabalhos/DTC021.pdf>. Acesso em: 26 de ago. 2010.

VALLE, Osmarilda dos S. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU. **Eles respeitam o esforço de quem busca: uma voz e muitos sentidos sobre as justificativas de opção pela educação profissional.** Blumenau. FURB, 2008, 26-28p. il. Dissertação (Mestrado).

ZAVALLA, Virginia. **Quem está dizendo isso? Letramento acadêmico, identidade e poder no ensino superior.** In: Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em pesquisa aplicada. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010, p.72.

ACADEMIC LITERACY, ENGINEERING AND THE WORLD OF WORK

***Abstract:** This article deals with a study on academic literacy courses in engineering and its reflection in the workplace, whose research is developing in the Post-Graduate Master of Education Furb. It aims to understand the meanings are constructed by engineering academics in relation to reading and writing and the influence of these practices in the workplace. The theoretical framework is based on the Bakhtinian theoretical assumptions and the New Literacy Studies. The methodology used was qualitative research biased interpretation and enunciation, characterized as a case study. Data analysis led to the application of a questionnaire and an interview. The data point to a different result from the official ideological discourse related to less use of writing and reading in the field of Engineering.*

***Key-words:** Academic Literacy, Engineering, World of Work.*